

Yves Gambier, teórico da retradução: uma releitura de Antoine Berman

Thiago Mattos de Oliveira

RESUMO: Este trabalho busca expor o percurso teórico pelo qual passou a noção de retradução. Recorre-se, para tanto, ao trabalho pioneiro de Antoine Berman (1990) e aos trabalhos de Yves Gambier (1994; 2012), neste se concentrando. Busca-se, via Gambier, analisar a virada teórica pós-2000, quando Gambier relê seu próprio trabalho e redefine, alinhado a uma gama de outros autores (Ladmiral, 2012; Chevrel, 2010 etc.), a noção de retradução. Gambier firma-se assim como uma fonte valiosa para analisarmos o percurso teórico da retradução, possibilitando-nos chegar a uma conceituação atualizada do termo.

Palavras-chave: retradução; Yves Gambier; Antoine Berman

Introdução

De Antoine Berman a Jean-René Ladmiral, passando por nomes como Yves Gambier, Yves Chevrel, Elzbieta Skibinska, André Topia, a retradução, tanto quanto a tradução, é um constante redefinir. Em linhas gerais, pode ser vista como um fenômeno “antigo, frequente e polimorfo”¹ (Brisset, 2004, p. 41): antigo na medida em que tradutores sempre traduziram e retraduziram, isto é, a retradução não é um privilégio (ou um fardo) da modernidade; frequente porque a retradução, enquanto prática, sempre foi constantemente *praticada*; e polimorfo não somente porque são diversas as formas de se entender a retradução enquanto noção teórica, como são diversas as formas de se praticar a retradução.

Na tentativa de expor o percurso teórico pelo qual passou (e tem passado) a noção de retradução, é certamente o nome de Yves Gambier que se mostra mais interessante: é de 1994 seu artigo “La retraduction, retour et détour”, apenas quatro anos

¹ Texto original: “ancien, fréquent et polymorphe”; todos aqueles textos cuja leitura tenha se dado na língua-fonte contarão com tradução nossa.

após o artigo fundador de Berman, “La retraduction comme espace de la traduction”, a ele se alinhando e com ele se firmando, como mostraremos adiante, como binômio (Berman-Gambier) fundador do estudo da retradução². Ao contrário de Berman, Gambier teve a oportunidade de mais recentemente, em 2012, voltar à questão da retradução. Com o artigo “La retraduction: ambiguïtés et défis”, Gambier lê a si mesmo, problematiza e tensiona a posição que anteriormente ocupava junto com Berman para, em seguida, redefinir a retradução, inscrevendo-se em um grupo de autores contemporâneos que têm se dedicado à questão, tanto na Europa quanto no Brasil – Ladmiral, Skibinska, Chevrel, Monti, Audigier, Faleiros etc. O que pretendemos, portanto, é, a partir do percurso de Gambier, expor a maneira como tem evoluído a noção de retradução nos estudos da tradução, chegando, ao final deste trabalho, a um entendimento atualizado e devidamente balizado do que julgamos conveniente entender por retradução, essa *prática* que, desde que houve tradução, sempre esteve presente, mas que apenas recentemente tem sido pensada como questão teórica nos estudos da tradução.

1. O trabalho fundador de Antoine Berman

Sempre se traduziu e se retraduziu. Mas, tanto quanto a prática tradutória é anterior a uma teoria da tradução, a prática retradutória é ainda mais anterior a uma possível teoria da retradução, que só recentemente tem recebido contornos mais precisos.

É de 1990 o número 4 da revista francesa *Palimpsestes*, dirigida por Paul Bensimon e publicada pela Presses de la Sorbonne Nouvelle. Com o título “Retraduire”, o número traz seis textos sobre a retradução: “Présentation” (Paul Bensimon), “La retraduction comme espace de la traduction” (Antoine Berman), “Quelle langue pour le théâtre?” (Anne-Françoise Benhamou), “Retraduire, (re)mettre en scène” (Michel Gresset), “*Finnegans Wake*: la traduction parasitée” (André Topia) e “Sous le signe de Mercure, la retraduction” (Liliane Rodriguez). Desses, três textos tratam

² É relevante lembrar que Walter Benjamin (2008 [1923]), autor que será de fundamental importância para o pensamento de Berman, mencionava o caráter histórico das traduções, já apontando para o fato de que as traduções envelhecem, levando, pode-se acrescentar, à retradução. O caráter efêmero, histórico e incompleto da tradução, sublinhado por Benjamin, aparece também no pensamento de Derrida (1985), deixando evidentemente mais uma vez o quanto o filósofo alemão foi lido e relido pelos estudos da tradução de língua francesa.

especificamente do aspecto teórico da retradução: Bensimon, Berman e Rodriguez. Os demais analisam retraduições a partir de diferentes pontos de vista. Dentre os textos, é o artigo de Berman que definitivamente se coloca como texto fundador: quase todos os artigos pós-1990 sobre retradução voltarão a Berman, seja para com ele se alinhar (caso do artigo de Gambier de 1994), seja para dele se afastar (caso da maior parte dos artigos pós-2000).

A primeira tradução, defende Berman, é naturalizadora, na medida em que introduz a obra estrangeira a essa cultura receptora; reduz a alteridade, a fim de melhor integrá-la a essa cultura outra que a recebe, aclimatando-a a partir de imperativos sócio-culturais que privilegiam o destinatário. A retradução, por sua vez, faz um movimento ao encontro do texto-fonte. Nesse gesto de *retour* [retorno] (Gambier, 1994) ao original, busca-se a afirmação do outro na tradução, sua estranheza, sua estrangeiridade. A tradução-introdução/tradução-aclimação dá lugar, assim, a uma tradução que lança luz às especificidades linguísticas, estilísticas, textuais daquele texto-fonte, retraduzindo-o na sua singularidade. Para o autor francês, toda tradução é caracterizada pelo seu *inaccomplissement* [incompletude]. É à retradução que é dada a possibilidade de atingir o *accomplissement* [completude]: “Nesse domínio de essencial incompletude que caracteriza a tradução, são somente as retraduições que podem atingir – de tempos em tempos – a completude”³ (Berman, 1990, p. 1). Diante da pergunta central dos estudos da retradução – por que retraduzir? –, Berman é enfático: traduzimos porque “as traduções ‘envelhecem’”⁴ (1990, p. 1), ideia que atravessará os estudos da retradução e que, principalmente após os anos 2000, será retomada e ressignificada.

O núcleo argumentativo de Berman tem uma contradição:

É preciso retraduzir porque as traduções envelhecem, e porque nenhuma é a tradução: de onde percebemos que traduzir é uma atividade submetida ao tempo, e uma atividade que possui uma temporalidade própria: a da caducidade e da incompletude.⁵ (Berman, 1990, p. 1)

³ Texto original: “Dans ce domaine d’essentiel inaccomplissement qui caractérise la traduction, c’est seulement aux retraductions qu’il incombe d’atteindre – de temps en temps – l’accompli”

⁴ Texto original: “les traductions, elles, ‘vieillissent’”

⁵ Texto original: “Il faut retraduire parce que les traductions vieillissent, et parce qu’aucune n’est la traduction: par où l’on voit que traduire est une activité soumise au temps, et une activité qui possède une temporalité propre: celle de la caducité et de l’inachèvement.”

Dito de outro modo, há subjacente a qualquer tradução a historicidade (que Berman prefere chamar de temporalidade) e a *défaillance* [falha]. Mas, ainda que nenhuma tradução possa ser *a* tradução e se toda tradução está submetida ao tempo, à caducidade e à incompletude, algumas retraduições atingiriam a completude. Berman parece trabalhar, assim, com certo nível de idealismo, a partir do qual se torna possível e desejável a convicção de que a historicidade tem um “fora”, e uma retradução, uma “grande tradução”, pode se situar, portanto, fora da historicidade: “A História nos mostra que existem traduções que perduram tanto quanto os originais e que, às vezes, conservam mais brilho que estes. Essas traduções são o que se convencionou chamar de *grandes traduções*”⁶ (Berman, 1990, p. 2). É o caso da *Vulgata* de São Jerônimo, da Bíblia de Lutero, do Shakespeare de Schlegel, da *Antígona* de Hölderlin, do Poe de Baudelaire. Berman destaca (1990, p. 2) que a especificidade de uma grande tradução é o fato de não envelhecer; permanece viva. Levando às últimas consequências, é ahistórica.

Berman adverte que é necessário antes de tudo precisar mais adequadamente a noção mesma de retradução:

Primeiro, ela não é... absoluta. Pode haver uma primeira tradução que seja uma grande tradução. Mas, longe de invalidar nossa correlação, essa possibilidade significa somente que a dita primeira tradução colocou-se antes de tudo como uma retradução, e isso conforme as modalidades particulares. Em seguida, é necessário precisar aqui o próprio conceito de retradução. Ela não qualifica apenas toda nova tradução de um texto já traduzido. [...] Pode-se falar de retradução desde que haja uma nova tradução de uma obra, mesmo se somos confrontados com uma parte dessa obra que não havia sido ainda traduzida. Basta que um texto de um autor já tenha sido traduzido para que a tradução dos outros textos desse autor entre no espaço da retradução.⁷ (Berman, 1990, p. 3)

⁶ Texto original: “l’Histoire nous montre qu’il existe parfois des traductions qui perdurent à l’égal des originaux et qui, parfois, gardent plus d’éclat que ceux-ci. Ces traductions sont ce qu’il est convenu d’appeler des *grandes traductions*”

⁷ Texto original: “D’abord, elle n’est pas... absolue. Il peut y avoir une première traduction qui soit une grande traduction. Mais loin d’invalider notre corrélation, cette possibilité signifie seulement que ladite première traduction s’est d’emblée posée comme une re-traduction, et ceci à chaque fois selon des modalités particulières. Ensuite, il faut ici préciser le concept même de retraduction. Celle-ci ne qualifie pas seulement toute nouvelle traduction d’un texte déjà traduit. [...] On peut parler ici de retraduction, dès

São numerosas as críticas e questionamentos que podem ser (e foram) feitos a Berman. Após a *Palimpsestes* de 1990, a retradução volta a aparecer em um artigo de Gambier, publicado na revista canadense *Meta*. Nela, Gambier retoma e se alinha a Berman. A partir dos anos 2000, explodem as publicações e eventos sobre retradução: é publicado, em 2004 o número 15 da *Palimpsestes*, agora organizado por Christine Raguét, “Pourquoi donc retraduire”, que retoma a discussão; em 2010, é publicado o livro *La retraduction*, organizado por Robert Kahn e Catriona Seth a partir de um colóquio sobre o tema realizado na universidade de Rouen, em 2006; em 2012, é publicado o livro *Autour de la retraduction*, organizado por Enrico Monti e Peter Schnyder a partir de um colóquio realizado na universidade de Haute-Alsace, em 2009; publicações e eventos sobre retradução também acontecem fora do universo francófono: no Brasil, autores como Álvaro Faleiros (2009; 2011), Émilie Audigier (2011) e Mauri Furlan (2013) escrevem sobre a retradução. Apesar da diversidade de trabalhos sobre retradução a partir dos anos 2000, talvez um traço em comum os reúna: o gesto de reler Berman, seja para redimensioná-lo, seja para problematizá-lo. Tomando como ponto articulador o trabalho de Gambier, que, escrevendo em 1994 e em 2012 encarna a própria virada teórica que ocorre nos estudos da retradução, buscaremos expor as principais questões, discussões, críticas e problematizações que têm sido levantadas nos últimos anos.

2. Gambier lê Berman

Gambier escreve pela primeira vez sobre retradução em um artigo intitulado “La retraduction, retour et détour”, na revista canadense *Meta*, XXXIX, 3, 1994. Nele, Gambier resume a hipótese bermaniana através de duas noções-chave: *retour* [retorno] e *détour* [desvio]. A retradução, afirma ele, é uma nova tradução de um texto já traduzido em uma mesma língua, integralmente ou não. Retraduzimos para reatualizar um texto, o

qu’il y a une nouvelle traduction d’une oeuvre, même si on a affaire à une partie de cette oeuvre qui n’avait pas, elle, été encore traduite. Il suffit qu’un texte d’un auteur ait déjà été traduit pour que la traduction des autres textes de cet auteur entre dans l’espace de la retraduction.”

que é determinado pela própria evolução dos receptores (gostos, necessidades, competências etc.). Mudam os tempos, mudam as traduções: é essa a dimensão histórica da retradução, atravessada por uma dimensão sócio-cultural: “só a retradução conjuga a essa dimensão sócio-cultural a dimensão histórica: traz mudanças porque os tempos mudaram”⁸ (Gambier, 1994, p. 413). Filiado a Berman, Gambier defende que a primeira tradução tende a ser assimiladora, reduzindo a alteridade e familiarizando aspectos linguísticos, textuais, culturais etc. (dimensão do *détour*). Nesse contexto, a retradução é um *retour* ao texto-fonte: a possibilidade de que um segundo, terceiro, quarto gesto de leitura seja também um gesto de retorno. Gambier, no entanto, por mais filiado que esteja à posição de Berman, já começa a tentar redimensioná-la, chamando a atenção para a “visão logocêntrica do texto e da imanência do sentido”⁹ (Gambier, 1994, p. 414) na proposta bermaniana, como se o retradutor pudesse se colocar fora da ideologia e da cultura, como se, na hipótese bermaniana da “grande tradução”, houvesse (acrescentemos) uma suspensão da historicidade, do ideológico, do cultural, do contextual, do político, finalmente. Mas, se é verdade que Gambier começa a abrir uma fenda no pensamento de Berman, também é verdade que (por enquanto) não a ultrapassa: permanece em uma posição discursiva que concebe a retradução como um modo de restituir a significância e abrir o texto às singularidades originais, trazendo o outro para o espaço da tradução. Chega inclusive a reiterar a hipótese bermaniana da “grande tradução”:

⁸ Texto original: “Seule la retraduction conjugue à cette dimension sócio-culturelle la dimension historique: elle apporte des changements parce que les temps ont changé”

⁹ Texto original: “vision logocentrique du texte et de l’immanence du sens”

Mas as traduções não envelhecem da mesma maneira, na mesma proporção. Essa ‘temporalidade da caducidade e da incompletude’ (Berman, 1990: 1) não atinge todas as traduções do mesmo modo: algumas transcendem sua própria historicidade – são as ‘grandes traduções’¹⁰ (Gambier, 1994, p. 415)

De um ponto de vista prospectivo, os dados mais relevantes trazidos por Gambier são não apenas uma inicial problematização da posição de Berman, ainda que nela também se mantenha, mas uma série de perguntas referentes ao fazer retradutório que, direta ou indiretamente, serão retomadas pelos autores que lhe sucedem, na tentativa de respondê-las. Talvez seja por essa razão que Monti (2012, p. 10) coloca Gambier ao lado de Berman na elaboração de certa base teórica fundacional a partir da qual se dará a posterior discussão sobre retradução. São cinco as perguntas de Gambier, podendo ser resumidas do seguinte modo: 1) Por que um mesmo texto suscita inúmeras traduções? 2) Por que algumas traduções envelhecem rápido, enquanto outras perduram? 3) A retradução se coloca do mesmo modo para diferentes gêneros? 4) As autotraduções podem ser retraduzidas? 5) Qual é o papel desempenhado por um tradutor em uma retradução?

Essa série de perguntas formuladas por Gambier se revelarão, com efeito, outro ponto germinal para os estudos da retradução: os posteriores autores a escrever sobre retradução tentarão, de um modo ou de outro, trazer respostas para pelo menos uma das perguntas de Gambier. Inúmeras respostas são formuladas para a primeira questão, que se coloca, nesse sentido, como uma espécie de questão fundamental para os estudos da retradução. A segunda, que já conta com uma resposta prévia de Berman (1990), voltará à baila, agora sob perspectivas informadas por uma série de outros aportes teóricos, como a teoria dos polissistemas (Even-Zohar) e a *manipulation school* (Lefevere,

¹⁰ Texto original: “Mais toutes les traductions ne vieillissent pas à la même allure, au même degré. Cette ‘temporalité de la caducité et de l’inachèvement’ (Berman, 1990: 1) n’atteint pas toutes les traductions de la même manière: certaines transcendent leur propre historicité – ce sont les ‘grandes traductions’”

Toury, Hermans etc.), deslocando o foco da essência (Berman) para a relação. A terceira conta com os mais diversos trabalhos que, de modo mais ou menos prático, procuram analisar traduções e retraduições de textos de diferentes gêneros: Topia, por exemplo, trata já em 1990 da retradução de *Finnegans Wake*, voltando à questão em 2004, agora em relação a *Ulysses*; é nesse mesmo ano, aliás, que Himy analisa as retraduições de *Paradise Lost* pós-Chateaubriand, Pitavy analisa retraduições de Faulkner etc. E, em 2010, o livro *La retraduction*, aqui já mencionado, se divide em “Retraduction et philosophie”, “La retraduction du texte de théâtre” e “La retraduction du texte romanesque”. Esse tipo de análise, é significativo apontar, torna-se verdadeira tendência nos estudos de retradução, comparecendo nas mais diversas formas nos colóquios e publicações aqui já mencionados. A quarta questão é, aliás, consequência da terceira, e também tem seu lugar atualmente: ainda em 2004, por exemplo, Oustinoff analisa a relação entre autotradução e retradução a partir do exemplo de Nabokov. A quinta, finalmente, aparece, assim como a primeira, em praticamente todos os trabalhos posteriores, partindo desde questões mais gerais, como qual é a posição do tradutor ao retraduzir, o que tem de particular (ou de comum) entre o fazer tradutório e o fazer retradutório etc., até questões de ordem editorial ou mercadológica, como, por exemplo, as possíveis implicações salariais entre os trabalhos do tradutor e do retradutor.

Faz sentido, portanto, que pensemos no trabalho de Gambier de 1994 como, junto a Berman, um texto fundador dos estudos de retradução.

Tal proposta, contudo, não está isenta de problemas: em 2012, Gambier publica um novo trabalho, em que, ao reler Berman, relê a si mesmo. E, nesse processo, vai do *retour* (retorno a Berman, em 1994) ao *détour* (dele agora se desviando, em 2012). A guinada teórica empreendida por Gambier não deixa de refletir, com efeito, o próprio movimento dos estudos da retradução, que, como mencionamos, agora se abrem para outras perspectivas, em um gesto que busca permanentemente ressituar, problematizar, redimensionar a retradução.

3. Gambier lê Gambier: novos entendimentos sobre a retradução

Para o Gambier de 2012, a hipótese bermaniana, apesar de simplista, tem seus méritos: estabelece uma discussão primeira sobre a retradução enquanto noção teórica, estabelece um paradigma explícito e inscreve-se nas reflexões de Benjamin, para quem

a vida de um texto passaria pela série de traduções desse texto, em um movimento em direção à “pura língua” (Benjamin, 2008 [1923], p. 72).

Retradução, ao contrário do que supõe Berman, não é evolução. Subjaz ao pensamento do autor francês uma forte memória evolucionista: traduções envelhecem e morrem; eventualmente surge, quase por seleção natural, uma “grande tradução” que, com maiores vantagens, poderá se perpetuar por determinado tempo. Berman inscreve-se, podemos dizer, em uma ideologia do progresso, para quem a retradução é uma atividade que supõe uma evolução. Pressupõe, assim que a história é uma progressão, uma linha cronológica, visão que é, lembra-nos Gambier, “uma compreensão evolucionista da história”¹¹ (Gambier, 2012, p. 57). Apagam-se assim as redes de contato entre essas traduções, as relações que estabelecem entre si, o complexo de fraturas e contatos, em nome de uma visão teleológica, talvez até idealista, que se baseia numa lógica de progresso em direção a uma grande tradução que conjugue ao mesmo tempo a suspensão da falha e a suspensão da reescritura de outras traduções, como se a historicidade tivesse um fora, como se a retradução, enquanto espaço da tradução, engendrasse também um espaço fora da ideologia, um espaço ahistórico.

Gambier (2012) defende que, ao contrário do que preconizava Berman, uma tradução não se deve somente ao fato de que traduções envelhecem: são muitas as razões por que retraduzimos, razões essas que poderiam ser facilmente resumidas nas propostas de Gambier (2012) e Skibinska (2007 e 2012). Para Gambier, há as retraduições endogenéticas, originadas de flutuações linguísticas entre as versões e também em relação ao original, e retraduições exogenéticas, originadas de aspectos editoriais, comerciais, culturais. A base teórica dessa diferenciação deve muito à teoria dos polissistemas, referência absolutamente ausente nas considerações de 1994; é esse Gambier de 2012, informado por todo um aporte teórico das teorias de Even-Zohar e mesmo da *manipulation school* que afirma que,

segundo o grau de distanciamento no tempo, as funções preenchidas por cada tradução no polissistema receptor e o nível de análise, as retraduições podem ser percebidas diferentemente e ser a elas atribuídas

¹¹ Texto original: “une compréhension évolutionniste de l’histoire”

uma significação e uma causalidade variáveis. Com essa complexidade, pode-se afirmar que há períodos mais retradutores que outros, em um polissistema dado.¹² (Gambier, 2012, p. 64)

Para Skibinska, retraduzimos por dois fatores não opostos (2007): fatores externos, subdivididos em fatores históricos, que engendram uma necessidade de reatualização, e fatores editoriais ou comerciais; e fatores internos, que envolvem o processo de integração daquela obra à cultura de chegada; trata-se, como defendia Bensimon e Berman, de uma perspectiva “evolucionista” da retradução: retraduzimos na esperança de atingir a completude.

Tal questão constitui, como afirmamos, um dos pontos centrais dos estudos de retradução: por que retraduzir? Como indica Ladmiral (2012, p. 31), há na pergunta um paradoxo: por que refazer aquilo que já foi feito? As diferenciações gerais traçadas por Gambier e por Skibinska podem nos levar, retomando em parte a proposta de Monti (2012) e sem a intenção de criar categorias estanques, a um desdobramento dessas razões:

1) retraduzimos porque uma tradução não é satisfatória; gesto de retorno ao original, busca-se restituir e recuperar determinados aspectos linguísticos, textuais, estilísticos etc. considerados fundamentais na obra em questão;

2) retraduzimos porque queremos traduzir diretamente do original; seria o caso das traduções intermediárias de que fala Gambier (2012) e aqui já mencionadas;

3) retraduzimos porque as traduções envelhecem, razão que retoma a hipótese bermaniana. Monti aponta para o fato de que os originais também envelhecem, mas de maneira distinta:

os textos de partida também envelhecem, mas não da mesma maneira que suas traduções, ao menos não aos olhos do público. Onde esses que chamamos de textos ‘originais’ ganham rugas que os tornam ainda mais charmosos, as imperfeições devidas à idade das traduções têm uma propensão particular de torná-las grotescas¹³ (Monti, 2012, p. 15-16);

¹² Texto original: “selon le degré d'éloignement dans le temps, les fonctions remplies par chaque traduction dans le polysystème récepteur et le niveau d'analyse, les retraductions peuvent être perçues différemment et se voir attribuer une signification et une causalité variables. Avec cette complexité, peut-on affirmer qu'il y a des périodes plus retraductrices que d'autres, dans un polysystème donné”

4) retraduzimos porque os meios tecnológicos de que dispúnhamos mudaram; assim, a partir do momento que contamos ferramentas de memória de tradução, comparação de *corpora*, bibliografia crítica atualizada etc., retraduzimos para melhorar a tradução que não dispunha de tais meios;

5) retraduzimos porque queremos ressignificar determinado autor ou texto no sistema de chegada: “[as retraduições] contribuem para ancorar sempre mais a obra estrangeira no patrimônio nacional receptor”¹⁴ (Chevrel, 2010, p. 17);

6) retraduzimos porque queremos traduzir; isto é: sequer sabemos que já havia uma tradução anterior, ou, mesmo sabendo, a ela não tivemos acesso: “não é uma regra que um tradutor fazendo essa nova tradução conheça o trabalho dos seus predecessores; ele pode inclusive ignorar sua existência”¹⁵ (Skibinska, 2007, p. 5);

7) retraduzimos porque questões editoriais, comerciais ou mercadológicas assim exigem. É o caso, por exemplo, dos autores que caem em domínio público e imediatamente já se tem notícia de pelo menos mais de uma editora publicando, ou prestes a publicar, retraduições¹⁶: “quando uma obra está em domínio público, a encomenda de uma nova tradução pode acabar sendo mais barata para um editor que a compra dos direitos de uma tradução existente”¹⁷ (Monti, 2012, p. 17-18). Monti indica ainda que, como mostrou, Jean-Pierre Lefebvre (2008), retradutores podem receber menos do que tradutores, uma vez que o mercado entende que terão o trabalho facilitado. É nas razões editoriais e comerciais que entra a questão fundamental da publicidade: retraduzimos porque uma editora deseja trabalhar determinado autor,

¹³ Texto original: “les textes de départ vieillissent aussi, mais pas de la même manière que leurs traductions, au moins aux yeux du public. Là où ceux que l’on définit comme des textes ‘originaux’ prennent des rides qui les rendent encore plus charmants, les imperfections dues à l’âge des traductions ont une propension toute particulière à les rendre grotesques”

¹⁴ Texto original: “[les retraductions] contribuent à ancrer toujours davantage l’oeuvre étrangère dans le patrimoine national du pays d’accueil”

¹⁵ Texto original: “il n’est point de règle qu’un traducteur entreprenant cette nouvelle traduction connaisse le travail de ses prédécesseurs; il peut même ignorer son existence”

¹⁶ Alguns autores que entraram em domínio público há pouco tempo ou que entrarão em breve e dos quais se sabe de novas traduções já publicadas ou planejadas: Sigmund Freud, James Joyce, Virginia Woolf, Robert Musil, Paul Valéry, Gertrude Stein.

¹⁷ Texto original: “lorsque une oeuvre est dans le domaine public, la commande d’une nouvelle traduction peut revenir moins chère à un éditeur que l’achat des droits d’une traduction existente”

colocando-o no mercado como pertencente a determinado lugar canônico e recebendo uma tradução supostamente diferente das anteriores. É o caso, por exemplo, das retraduições de Kafka: como mostra Cruz (2007), o Brasil, num espaço de tempo de 46 anos, contou com 21 edições (não necessariamente em novas traduções) d'A *metamorfose* de Kafka; no entanto, nenhuma delas atingiu o prestígio (e mesmo a popularidade) que atingiu a retradução de Modesto Carone, publicada a partir de 1997 pela Companhia das Letras, com a clara proposta publicitária de dar a conhecer o “verdadeiro” Kafka traduzido “diretamente do alemão” pelo maior especialista em Kafka do Brasil. Venuti (2008, p. 27), retomando Bourdieu (1989), bem resume a questão: editores transformam capital cultural em capital econômico, um aspecto fundamental para se pensar atualmente a retradução;

8) e retraduzimos, finalmente, porque temos uma outra leitura daquele texto, não contemplada nas traduções anteriores. Tal é, com efeito, o entendimento que parece predominar nos últimos estudos de retradução, como aqui entendemos e buscaremos não só explicar, mas redimensionar:

Nem sempre é porque uma tradução é ruim ou antiquada que desejamos retraduzir: pode ser simplesmente porque, enquanto tradutores, interpretamos diferentemente o texto, como um diretor de teatro propõe outra encenação ou um músico uma nova interpretação de uma peça musical.¹⁸ (Mavrodin, 1990, p. 77)

A retradução explicita o fato de que não é (ou não é apenas) a tradução que é atravessada pela incompletude, mas a própria obra: ela pode ser sempre relida, reinterpretada, ressituada, retextualizada, retraduzida. Perceba-se que a noção de incompletude é aqui redimensionada: não é a incompletude de que fala Berman, mas a incompletude no sentido em que sempre é possível reler e reescrever. Incompletude que é, em última análise, a própria incompletude do sujeito e da língua (Pêcheux, 1975). Não é a linha reta, evolucionista, cronológica, preconizada por Berman: é um eterno recomeçar, um gesto permanente e necessário de releitura, reatualização e reescrita:

¹⁸ Texto original: “Ce n’est pas toujours parce qu’une traduction existant est mauvaise ou désuète qu’on désire retraduire: ce peut être tout simplement parce que, en tant que traducteur, on interprète autrement le texte, comme un metteur en scène propose un nouveau spectacle, un exécutant musical une nouvelle interprétation d’un morceau”

“Retraduzir é de fato um ato de atualização de um texto, fundado em uma nova leitura e uma nova escritura”¹⁹ (Chevrel, 2010, p. 14). Uma obra é cada vez melhor compreendida (ou mais amplamente compreendida), quanto mais traduções há dela, visão que traz consigo a ideia de que tradução é crítica e, como tal, engendra um modo de ver e dizer o texto. Retraduzimos não porque a tradução “envelheceu” ou mesmo porque o “original mudou”, mas porque mudou nosso modo de nos relacionarmos com aqueles textos (aí entendidos o texto-fonte e as anteriores traduções, se é que, em se tratando de retradução, não constituem elas mesmas, as traduções anteriores, uma espécie de texto-fonte). Muda a leitura que fazemos e *como* fazemos essa leitura; muda a sensibilidade literária, os pretextos culturais, os intertextos a que temos acesso. Atravessada pela historicidade, a retradução não existe fora do político, do ideológico, do histórico. Não é, como queria Berman, espaço apenas da tradução, mas espaço também da história, da movência, da interpretação.

“Retraduzir não é substituir, mas acrescentar”²⁰, diz Samoyault (2010, p. 231). Não estamos na posição bermaniana, para a qual a retradução é uma sucessão de traduções em uma linha cronológica. Estamos no lugar da pluralidade, da releitura e da reescritura.

Conclusão: um percurso em aberto

Buscamos apresentar o percurso pelo qual tem passado a noção de “retradução” desde a publicação do número 4 da *Palimpsestes*, em 1990, tomando por base o próprio percurso de Yves Gambier, único teórico a se debruçar sobre a retradução na década de 1990, momento em que se começava a olhar para a retradução enquanto tema relevante nos estudos da tradução, e contemporaneamente, momento em que se problematiza a posição fundadora de Berman e a se complexificar o entendimento sobre a noção teórica e a prática da retradução.

Tal percurso, evidentemente, não se encerra aqui. Como tampouco começou exatamente em 1990. Meschonnic, por exemplo, já falava em retradução em 1970:

¹⁹ Texto original: “Retraduire est véritablement un acte d’actualisation d’un texte, fondé sur une nouvelle lecture et une nouvelle écriture”

²⁰ Texto original: “Retraduire n’est pas remplacer, mais ajouter”

“Essa noção de tradução como transformação [...] leva a historicizar as questões: quem traduz ou retraduz? O que e por quê?”²¹ (1970, p. 67); “cada época retraduz porque lê e escreve de outro modo. O paradoxo provisório da tradução bem sucedida (aquela que dura) é aquele da necessária *re-enunciação*”²² (1970, p. 424). E Steiner, em 1975, também já anunciava a questão: “cada geração inevitavelmente retraduz”²³ (1978, p. 79). Mas é com Berman e com Gambier que se *funda*, por assim dizer, um estudo minimamente sistemático da retradução, instaurando uma série de artigos e ensaios que retomarão, das mais diversas posições, suas ideias. E é com Gambier que se avança no estudo da retradução, reavaliando posicionamentos anteriores e abrindo novas perspectivas. Gambier encarna, nesse sentido, a própria virada que ocorre nos estudos da retradução: se em 1994 publicava um artigo alinhando-se a Berman e estabelecendo uma série de perguntas fundadoras para a noção de retradução, em 2012 publica novo artigo, agora afastando-se de Berman, questionando sua própria posição de 1994 e respondendo muitas das perguntas antes levantadas – podemos considerar, na verdade, que todos os trabalhos sobre retradução pós-1994 inevitavelmente se inscrevem, de um jeito ou de outro, em pelo menos uma das perguntas então levantadas por Gambier.

Como não são finitas as (re)traduções, esse percurso tampouco é finito: as publicações sobre retradução aumentam exponencialmente, assim como os colóquios sobre o tema. Ultrapassa o território francófono e chega (com força) inclusive no Brasil.

Diante de um percurso tão movente e ainda tão inicial, em constante (re)definir-se, tocar na questão da retradução é tocar na necessidade de, antes de tudo, explicar o que se entende por retradução, ainda que de maneira provisória. Em grande medida alinhados a Gambier, retradução, julgamos possível afirmar, é toda reescritura de um texto-fonte, que coexiste e se relaciona com outras reescritas desse mesmo texto-fonte, estabelecendo com elas uma rede de modos plurais de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo, gesto que é, finalmente, uma crítica. Não é uma série linear de substituições de reescrituras: a retradução, ao contrário, procura evidenciar que uma retradução é um gesto de

²¹ Texto original: “Cette notion de traduction comme transformation [...] mène à historiciser les questions: qui traduit ou retraduit? Quoi et pourquoi?”

²² Texto original: “Chaque époque retraduit parce qu’elle lit et écrit autrement. Le paradoxe provisoire de la traduction réussie (celle qui dure) est celui de la nécessaire *ré-énonciation*”

²³ Texto original: “chaque génération retraduit inévitablement”

acréscimo, acréscimo de novos modos de ler e escrever aquele texto no espaço da retradução.

RÉSUMÉ: Ce travail cherche à exposer le parcours théorique de la notion de retraduction. Pour le faire, on analyse de manière introductive le travail pionnier d'Antoine Berman (1990) et de manière approfondie celui d'Yves Gambier (1994 ; 2012). À partir de Gambier, on cherche à analyser le changement théorique après les années 2000, au moment où Gambier relit son propre travail et, avec toute une variété d'auteurs (Ladmiral, Chevrel etc.), redéfinit la notion de retraduction. Gambier est donc une source précieuse si l'on veut analyser le parcours théorique de la retraduction et c'est grâce à cet auteur que l'on peut arriver à une conceptualisation actualisée de cette notion théorique.

Mots-clés: Retraduction; Yves Gambier; Antoine Berman

Bibliografia

AUDIGIER, Émilie. *As traduções francesas de Machado de Assis e Guimarães Rosa: variação de oito contos de 1910 a 2004*. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”. Trad. Susana Kampff Lages. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008 [1923].

BENSIMON, Paul. Présentation. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. IX-XIII, outubro 1990.

BERMAN, Antoine. La retraduction comme espace dela traduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 1-9, outubro 1990.

BRISSET, Annie. Retraduire ou le corps changeant de la connaissance: sur l'historicité de la traduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 15, p. 39-69, maio 2004.

CHEVREL, Yves. “Introduction: la retraduction – und kein Ende”. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 11-21.

DERRIDA, Jacques. “Des tours de Babel”. In: *L’art des confins*. Paris: Presses Universitaires de France, 1985.

FALEIROS, Álvaro. As flores do mal sem medida: por uma retradução de Charles Baudelaire. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 19, p. 145-156, 2011.

_____. A crítica da retradução poética. *Itinerários*, UNESP Araraquara, v. 28, p. 145-158, 2009.

FURLAN, Mauri. Retraduzir é preciso. *Scientia Traductionis*, Florianópolis, n. 13, p. 284-294, 2013.

GAMBIER, Yves. La retraduction, retour et détour. *Meta*, Toronto, v. 39, n. 3, p. 413-417, 1994.

_____. “La retraduction: ambiguïtés et défis”. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 49-67.

HIMY, Armand. “Retraduire Paradise Lost après Chateaubriand”. *Palimpsestes*, Paris, n. 15, p. 25-39, maio 2004.

LADMIRAL, Jean-René. “Nous autres traductions, nous savons maintenant que nous sommes mortelles...”. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 29-49.

MAVRODIN, Irina. Retraduire Dickens. *Actes des Septièmes assises de la traduction littéraire*, Arles: Actes Sud / ATLAS, 1991, p. 76-80.

MESCHONNIC, Henri. *Pour la poétique II*. Paris: Gallimard, 1970.

MONTI, Enrico. “La retraduction, un état des lieux”. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 9-29.

PÊCHEUX, Michel. *Les vérités de la Palice*. Paris: Maspero, 1975.

RODRIGUEZ, Liliane. Sous le signe de Mercure, la retraduction. *Palimpsestes*, Paris, n. 4, p. 63-78, outubro 1990.

SAMOYAUULT, Thiphaine. “Retraduire Joyce”. In: KAHN, Robert; SETH, Catriona. *La retraduction*. Rouen: Publications des Universités de Rouen et du Havre, 2010, p. 231-243.

SKIBINSKA, Elzbieta. La retraduction, manifestation de la subjectivité du traducteur. *Doletiana: Revista de traducció, literatura i arts*, Wroclaw, n.1, p. 1-10, 2007.

_____. “‘C’est la faute à... Boy’: les traductions ‘canoniques’ sont-elles un obstacle à la retraduction?”. In: MONTI, E.; SCHNYDER, P. (orgs.) *Autour de la retraduction*. Paris: Orizons, 2012, p. 405-419.

STEINER, Georges. *Après Babel*. Paris: Albin Michel, 1978.

Data de envio: 26 de julho de 2014

Data de aprovação: 7 de setembro de 2014

Data de publicação: 15 de setembro de 2014